

AÇÃO

PROCURE SEMANALMENTE NAS BANCAS DE JORNAES DIRETA

SEMENARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

BOA DIVISA CAPITALISTA
Deus está sempre ao lado dos bata-
lhões mais fortes.
FREDERICO II da Prússia

ANO I

Rio de Janeiro — Sábado, 31 de agosto de 1946

N.º 18

SACCO E VANZETTI

Há 19 anos, na madrugada de 22 para 23 de agosto foram electrocutados esses dois inocentes anarquistas pela plutocracia americana surda aos clamores do mundo inteiro

A nova geração desconhece a tragédia que, durante sete anos e três meses, abalou as consciências de todos os homens bem formados, indignadas com o escandaloso e bárbaro processo movido contra esses dois conscientes e esforçados companheiros. Para terem os jovens anarquistas do Brasil uma idéia do protesto coletivo nos dois continentes vamos transcrever um artigo publicado na Pátria aos 11 de outubro de 1927 com o título: **Ecos da grande infâmia** e assinado por José Oiticica

Em 5 de agosto, estouraram, em várias estações do sub-way de Nova York, poderosas bombas que interromperam todo o trânsito. Há feridos e são avultados os danos. Segundo informações da polícia, eram essas bombas mais poderosas que as que destruíram, em 1920, alguns edifícios de Wall Street.

No mesmo dia, em Filadélfia, havendo um padre pronunciado, na igreja de S. Manoel, um sermão contra Sacco e Vanzetti, foi o edifício, em parte, abatido a dinamite.

Em San Diego, Califórnia, na sede do governo federal, arrebentou uma bomba ferindo um empregado. No dia 6, em Baltimore, estourou outra bomba na residência do sr. Williams Broening, síndico da cidade. Parte do edifício lavrou incêndio e foi apagado. Em Chicago, descobriram-se em Chicago, duas bombas de relógio, uma no edifício dos Correios, outra na estação do subterâneo.

Em Sacramento da Califórnia no dia 11 de agosto, várias bombas explodiram na cidade, uma das quais destruiu o teatro do Estado.

Em Chicago, a 24 de agosto, pela madrugada, arrebentou, no quarteirão latino, uma violenta bomba que destruiu três armazéns e duas casas de cidadãos americanos. Calcularam-se os danos em duzentos e cinquenta mil dólares. Em Niágara Falls e numerosas outras cidades dos Estados Unidos, bombas protestantes estrondearam contra o hediondo regime da cadeia elétrica, da guilhotina, da forca, da deportação.

Quero reservar o pouco espaço restante para registrar os lanços heroicos da multidão capitaneada por duas jovens.

Aos 5 de agosto, com efeito, em Chicago, cerca de quatro mil pessoas reuniram-se em comício contra a condenação de Sacco e Vanzetti. A frente da massa, e discursava a jovem de 16 anos Aurora Danele. Crescia o entusiasmo quando acudiu a polícia e tentou dispersar a multidão com gás lacrimogênio. A multidão retirou-se em marcha; mas, uma reserva de polícia atacou-a provocando conflito. Nessa ocasião, viu-se a pequena Aurora Danele cabecear a multidão e lutar como louca até ser subjugada. Foram presas 67 pessoas inclusive Aurora.

Em Boston, no mesmo dia, foram presas numerosas pessoas idas de Nova York para tomar parte nos comícios de protesto. Entre os presos, contou-se a poetisa Dorothy Parker. Ajuntemos a esses fatos, a formidável manifestação, nesse mesmo dia, realizada em Londres com uma concorrência de 10.000 pessoas. Essa

massa exasperada tentava assaltar a embaixada americana. Houve tremendo choque com a polícia que dificilmente conseguiu restabelecer a calma e impedir o

zendo as últimas desesperadas e várias tentativas para impedir nossa execução. Em uma palavra: estamos perdidos.

Por isso, resolvemos escrever

riedade conosco e nossa família. Amigos e companheiros: agora que a tragédia deste processo envolve ao desfecho, unamos nossos corações num só. Só dois de nós

cipação final. Sêde todos vós unidos nesta hora, a mais torva da nossa tragédia. Tende coragem! saudai os amigos e companheiros de todo o mundo.

Abraçamos a todos e vos damos o último adeus, com a alma despedaçada, mas cheia de amor. Agora e sempre vivei todos. Viva a liberdade.

Convosco na vida e na morte.
Bartolomeu Vanzetti
Nicola Sacco

O grande escritor inglês H. Wells morreu há pouco e a imprensa mundial dele se ocupou. Eis como se referiu ao processo de Sacco e Vanzetti:

“Eu não compreendo como é que homens esclarecidos possam ter dúvida sobre a inocência de Sacco e Vanzetti.”

como os seus companheiros de máu grado os acusaram de crime e tortura, Sacco e Vanzetti são tão inocentes quanto Julio Cesar que é um nome mais aplicável à hipótese. O juiz Thayer e o procurador Katzmann, mancomunaram-se no interesse de eliminar os dois anarquistas por meio desse processo judiciário promovido em nome de um delito que os indícios não cometeram e no qual Thayer e Katzmann tinham a certeza de que Sacco e Vanzetti estavam perfeitamente inocentes.”



SACCO E VANZETTI

ataque. Essa multidão foi também chefiada por uma jovem anarquista.

Podemos ou não afirmar que para a Anarquia marcha a Humanidade?”

Acrescentem-se a essas manifestações multitudinárias, os numerosos protestos de intelectuais de vários países.

Ajuntamos a última carta escrita pelos dois condenados na noite mesma da execução.

Caros amigos e companheiros da junta de defesa — Se nenhuma intervenção se der, para suspensão da sentença, por parte do governador Fuller ou de qualquer juiz do Tribunal Federal dos Estados Unidos, logo depois da meia noite deveremos morrer na cadeia elétrica. Já não temos nenhuma esperança. Esta manhã, nosso bravo amigo e defensor Miguel Ângelo Musmanno, esteve aqui e assegurou-nos que voltaria à tarde se tivesse tempo. Também Rosa e Luisa vieram de manhã visitar-nos prometendo igualmente voltar à tarde, mas já são 5,30 e ninguém tornou.

Quer dizer isso que não há notícia boa para nós, pois, se houvesse, algum de vós correria a trazê-la. Além disso, estamos certíssimos de que todos os vossos esforços faliram e que estais fa-

esta carta para exprimir o nosso reconhecimento e admiração a tudo o que fizestes em nossa defesa nestes sete anos, três meses e dezessete dias de luta.

O fato de havermos perdido e devermos morrer não diminui, em nada, a nossa atitude e o nosso apreço à vossa comovente solida-

morrerão. Nossas idéias, as vossas, ó companheiros, viverão nos cérebros de milhões de homens. Elas venceram, elas não se sumiram. Fazei dos nossos sofrimentos, das nossas dores, dos nossos erros, das nossas derrotas, das nossas paixões um tesouro para as futuras batalhas e para a eman-

PRIMEIRO VIVER

P. FERREIRA DA SILVA

Encontra-se nos livros a máxima antiga, destinada a fazer sentir que a existência material está acima das divagações do espírito: «Primum vivere, deinde philosophari». É certo que, só vivendo, se pode pensar, e, mesmo proclamando que nem só de pão vive o homem, temos de reconhecer que vive de pão antes de mais nada.

Assim se explica porque as experiências anárquicas não de ter sempre o seu clima básico na origem do pão — na terra, no campo, entre os trabalhadores da gleba, aqueles menos dotados de educação revolucionária mas também, os de maior influência no sucesso de qualquer movimento de revolução social.

Os leitores de «Ação Direta» já tomaram conhecimento de diversos casos de experiência liber-

tária, de tentativas de comunidade livre; uma que se lançou em São Paulo, outra projetada por um camarada anarquista do México, e finalmente aquela mais grandiosa e fecunda pela sua afirmação de êxito, embora mais depressa estrangulada pela reação fascista: a de Ballobar de Cinca, na Espanha republicana. Pois todas elas foram levadas a cabo, com âmbito mais ou menos dilatado, em meios camponeses e fiadas na garantia da produção agrícola. Mas há outra, que passou de experiência à categoria de pura realidade anarquista: a revolução dos camponeses de Gulai-Pole, onde Mahknó aboliu toda a influência de governo e deu à Ucrânia as primícias da liberdade integral.

Se os trabalhadores das cida-

(Continua na pag. 4)

Da Espanha que luta pela liberdade

Por Manoel Peres

No interior da Espanha os bravos militantes da C. N. T. e do Movimento Libertário lutam heroicamente contra a brutalidade Franco-falangista. Provas evidentes do espírito combativo dos anarquistas, são as seguintes notícias publicadas em *Solidaridad Obrera* de Barcelona, órgão da C. N. T. que, apesar da vigilância da polícia franquista, circula clandestinamente na capital da Catalunha. Eis as notícias.

Organização Sindical — A repressão, a fome, a miséria, e a brutal tirania franquista, longe de abater os ânimos, como pretende o tirano, provoca profunda indignação entre os trabalhadores. Na luta clandestina que mantem a nossa organização, aumenta dia a dia o número dos que querem colaborar com o seu sacrifício para pôr fim ao regime inquisitorial que impera na Espanha.

De cidades e aldeias chegam ao Comitê Nacional C. N. T. milhares de adesões cujos detalhes não damos por medida de pru-

(Continua na pag. 4)

O MAL DAS TRADE-UNIONS INGLESA

As *Trade-Unions* são, seria pueril negá-lo, uma força que amplamente contribuiu para melhorar a sorte dos membros de certas corporações.

Nos misteres que exigem sério aprendizado, o trabalhador qualificado (*skilled*) chegou a trabalhar menos tempo (cinquenta horas, no máximo, por semana); ganha mais que o trabalhador francês e, na Inglaterra, os objetos de consumo são, geralmente, mais baratos. Deve o trabalhador inglês tais vantagens à força das *Trade-Unions* por ele organizadas.

Dessas vantagens imediatas decorrem outras, tanto materiais, quanto morais. Tanto mais folga, mais cultivado fica por haver tempo de ler e estudar. Mais culto, cresce-lhe o sentimento da dignidade e da força e ele sabe fazer-se respeitar por seus exploradores, sabendo respeitar-se a si mesmo. Mais à vontade, eleva-se seu teor de vida e aproxima-se da classe burguesa.

De fato, os que alcançam tal situação não passam de semiburgueses, não só materialmente, o que está muito bem, como ainda moralmente, o que está muito mal, porque, com tendências burguesas, é levado a solidarizar-se muito mais com a burguesia do que com os obreiros menos favorecidos.

Porém, outra sombra há no quadro. Esse bem estar só foi adquirido repudiando, com o pretexto de ser prático, as aspirações do proletariado inteiro, separando-se da sua casta, ou criando nova, intermediária entre o

proletariado e o capitalismo, tão tacanha e fechada quanto este.

Porquanto, sob esse proletariado privilegiado ferve outro proletariado miserável, famélico, na penúria, desempregado quase sempre, para fornecer depois, nos períodos de trabalho, de onze a quatorze horas, e até mais, de serviço por dia, em troca de irrisório salário.

São os trabalhadores desqualificados (*unskilled*) como lhes chamam os ingleses, equivalentes ao que chamamos «hommes de peine», como àqueles cujo ofício só requer prática.

Estes formigam nas metrópoles e constituem essa população miserabilíssima, descrita por certos escritores. São os eternos sacrificados que, às vezes, em suas lutas contra os exploradores, viram colocar-se ao lado da exploração os trabalhadores mais favorecidos.

E isso é fatal, porque, dada a organização social hodierna, os indivíduos não logram elevar-se acima dos outros senão explorando-os, e lutando contra eles.

Se o capitalista é levado a pagar preço elevado a uma categoria de trabalhadores, urgente é que ele desforre de um lado ou de outro, pois a concorrência não lhe permite ultrapassar certo preço nos produtos.

Voltam-se, por força, contra aqueles que menos resistência opõem. Isso tem sucedido em toda a parte, mais acentuadamente, porém na Inglaterra.

(do livro *l'Anarchie* de Jean Grave)

Apelo

Temos de aumentar nossa tiragem; mas, como já dissemos outro dia, a venda avulsa dá enorme *deficit*. Só um meio há de arcarmos com as despesas de maior tiragem. É estender-se a lista dos contribuintes e dobrar cada qual sua contribuição. Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios; não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma, não temos matéria paga.

Logo, apelamos para os entusiastas de *Ação Direta*. Procurem novos contribuintes. Dobrem ou tripliquem suas contribuições.

Atrás das palmas, a *ação direta*, ainda com sacrifícios.

Propaguem

Ação Direta

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA

Continuação do número 17)

Em Petersburgo, se trabalhasse numa invenção, ides a uma oficina especial onde vos dão um lugar, um banco de carpinteiro, um torno mecânico, todos os utensílios necessários, todos os instrumentos de precisão, desde a chave até a serra, e deixam-vos trabalhar a vontade.

Se associardes vários mestres de vários misteres se não preferirdes trabalhar sozinho; inventai a máquina ou não inventeis nada, isso é lá convosco. Arrastai-vos uma idéia, basta. Do mesmo modo, os marujos de um barco de salvação não exigem papéis aos marinheiros de um navio sossobrante; largam a embarcação, arriscam a vida nas ondas furibundas e, às vezes, morrem para salvar homens que nem sequer conhecem. E que importa conhecer? Precisam dos nossos serviços, ali há seres humanos, basta; tem direito. Salvemo-los.

«Eis a tendência eminentemente comunista que por toda a parte aponta, sob todos os aspectos possíveis, no seio das nossas sociedades que pregam o individualismo. E, se amanhã uma das nossas grandes cidades, tão egoístas em tempos normais, for visitada por uma calamidade qualquer, a de um assédio, por exemplo, esta mesma cidade decidirá que as primeiras necessidades por satisfazer são as das crianças e dos velhos; sem se informar dos serviços prestados ou a prestar por eles à sociedade, urge tratar logo de alimentá-los, cuidar dos combatentes, independentemente da bravura ou inteligência demonstrada por cada um; mulheres e homens, aos milhares, rivalizarão de abnegação para acudir aos feridos».

72 — *A propaganda anarquista* — Compreendendo a tendência dos homens e a associação livre, fora da ingerência governamental, os anarquistas desejam apressar o advento desse sistema associativo integral, como forma única de organização humana. A humanidade, ainda sem a doutrina anarquista, chegaria, pouco a pouco, a libertar-se do trambolho — Estado; mas, tal evolução seria penosíssima e extremamente lenta.

Mostrando os males do capitalismo, analisando minuciosamente os vícios profundos decorrentes da injustiça fundamental que é a propriedade da terra, o anarquismo apresenta aos homens o comunismo como solução da perpétua crise humana, abre os olhos aos cegos ou incautos, preparando assim a mentalidade coletiva para operar rapidamente a colossal transformação redentora.

II

73 — *Os adversários do anarquismo* — Hoje em dia, há seis grupos bem distintos de adversários do anarquismo. O primeiro é o dos *possuidores* de toda a espécie: proprietários, banqueiros, agiotas, comerciantes, pois contra eles precisamente se levanta a doutrina anarquista. Por meio de suas escolas, da sua imprensa, assoalham toda a sorte de invenções e calúnias contra os anarquistas, chamando-lhes destruidores, incendiários, dinamiteiros, bandidos e mais sinônimos. Organizam sociedades secretas reacionárias como a *Ka-kuu-klan* dos Estados Unidos, levantam partidos violentamente anti-socialistas como o fascismo na Itália, na Alemanha ou na Baviera, como a *Action Française* em França; dão mão forte ao clero católico ou protestante se vêem ameaçadas as suas propriedades; perseguem tenazmente os anarquistas, matando-os, encarcerando-os, empastelando-lhes as oficinas, confiscando as edições dos seus livros e periódicos.

74 — *Os religiosos* — Com esse nome designo, não somente os sacerdotes de toda a casta, mas também os leigos imbuídos do espírito e da educação religiosa. A maior parte deles, segue a política da Igreja Católica ou das seitas ortodoxas e protestantes, todas ferrenhamente capitalistas, conservadoras, paladinas da propriedade em sua plenitude. Uma insignificante minoria, sabendo não ser a propriedade dogma da Igreja, nem preceito básico das religiões, deixa-se cativar das verdades do socialismo, compreendem o mal-estar humano, procura remédio à crise social; mas, abeberada na religião e suas fantasias, acredita que, somente nela, acharemos salvação. Sejam os homens crentes e piedosos, tementes a

Deus e observadores dos preceitos da sua lei e a paz cairá no mundo.

Objetamos aos religiosos os pesadíssimos argumentos dos quais mencionarei dois principais: a) As religiões, longe de unirem os homens, desunem-nos, como se vê na história e no presente. Povos se entredigladaram por causa das heresias; populações inteiras de protestantes foram expulsas por ódio sectário; nações foram perseguidas, como os judeus queimados pela inquisição e, ainda hoje, trucidados nos célebres pogroms. Os maometanos não suportam os hindús; os protestantes não tragam os católicos romanos; estes não transigem com seita alguma, a anatematizam teósofos, espíritas, positivistas, novo-jerusalemitas, etc., etc. Demais disso, como seus ensinamentos não se fundam em evidências, afirmações irrefutáveis, que todos sejam forçados a aceitar pelo simples raciocínio ou pela experiência, fácil é surgirem dúvidas, interpretações heterodoxas, heresias. Cada heresia é uma fonte nova de discórdias, animosidades, conflitos em família, entre vizinhos, entre nações.

Por isso, as religiões não podem resolver o problema da fraternização dos homens; b) Tomando como exemplo a religião católica, apuramos que, durante vinte séculos, trabalhou ela por moralizar a Europa, policiando o ocidente, solucionar o problema social. Que vemos? Sua ação, embora muito sensível e até mesmo dominadora, foi ineficacíssima, pois a crise permanece, as guerras se tornam de mais em mais devastadoras, redobram os vícios, inventam-se novos, intensifica-se a prostituição com as dificuldades econômicas, a luta entre homens assume proporções inauditas. A religião poderia, quando muito, moralizar os explorados, não moraliza nunca os exploradores. Estes escudam-se nas leis que permitem a exploração e facilmente se esquecem dos preceitos divinos, lembrados só dos seus lucros e ambições. Nenhum negociante religioso deixa passar uma alta de preços artificial ou lesiva dos interesses alheios; nenhum carola restitui, ao lavrador a quem comprou cereais, o excesso dos proventos obtidos por uma alta ocorrida depois da compra. Nenhum devoto do sagrado coração

de Jesus distribui com seus operários os réditos da sua fábrica.

A religião, finalmente, visa apenas à salvação das almas, o outro mundo, e não procura sequer solucionar as questões econômicas ou políticas.

75 — *Os pedagogos* — Formam o terceiro grupo de adversários do anarquismo. Esses são certos burgueses, espertos muitos, outros bem intencionados, que proclamam a crise humana, reconhecem os profundos males do regime capitalista, aceitam o programa anarquista, mas afirmam ser impossível realizar a sociedade anárquica desde já, por estar a humanidade ainda atrasadíssima, intelectual e sobretudo moralmente. É necessário, opinam eles, educar primeiro as massas, prepará-las para uma sociedade de homens puros, que dispensem polícias, cárceres, demissões e pancada. A anarquia é um paraíso onde só anjos logram viver.

Esse argumento, à primeira vista forte, nada vale, pelas razões seguintes: a) Há muitíssimos séculos se educam os homens e, conquanto intelectualmente os progressos tenham sido assombrosos, mormente no século passado, moralmente foram nulos ou insignificantíssimos. Um filósofo brasileiro, Tobias Barreto, escreveu uma dissertação excelente provando justamente isso. Tempos atrás, proclamou-se que, a cada escola aberta, se fechava uma prisão. A realidade mostrou ser isso puro sonho. Estes últimos dez anos tem revelado assombrosas tendências imorais em todos os países. b) Os homens, em vez de serem maus por natureza, como sustenta essa escola educacionista, são, por indole, bons. O regime capitalista, de concorrência obrigatória, de luta inevitável, é que os torna perversos, falsos, mentirosos, caluniadores, desleais, rancorosos, vingativos. Basta refletir num fato muito expressivo: nenhum pai ousa dar a seu filho o nome de Judas, Nero, Herodes, Tartufo, Iago, Joaquim Silvério, nenhum desses nomes legendários da crueldade ou de vileza. Cada qual procura, ao contrário, chamar a seu filho Cesar, Dante, Homero, Newton, Murilo, nomes de personagens ilustres ou santos. No tempo de Florianô Peixoto, que para muitos encarnava qualidades raras

de soldado e administrador, subiam a centenas as crianças batizadas com seu nome. Ninguém viu ser batizado um Antônio Silvano ou um Roca.

Isso prova que o homem, de seu natural, é inclinado ao bem e ao belo. No indivíduo, predomina sempre o instinto altruista, mas esse instinto não se pôde desenvolver num regime de egoísmo.

ção que possa ter o mesmo irmão do seu irmão num meio social em que a concorrência econômica induz a ser *concorrente* do seu irmão, seu adversário comercial ou político. Não há preceito moral que impeça à pobre operária oprimida de fome e privações vender seu corpo e obter facilmente mais conforto. Não há consciência capaz de falar sempre verdade numa sociedade em que a mentira, a dissimulação, a hipocrisia são defesas necessárias, mais que necessárias, vitais.

Considere-se agora que formidável progresso moral não se operaria no mundo, se passássemos rapidamente para uma sociedade anárquica. Sendo a anarquia uma sociedade sem propriedade particular, seriam impossíveis o roubo, o furto e suas modalidades, a fraude, o jogo, o estelionato, o vigarismo, a finta, o calote, etc., etc. Assegurada a vida e o conforto de todos, nenhuma necessidade teria a mulher de prostituir-se. Cessando completamente os processos judiciais, cessariam, por encanto, dois terços de ódios, brigas, desavenças entre homens, parentes e famílias. Os homens, sabendo ser tudo de todos, verificando praticamente que sua felicidade e bem estar dependem do bem estar de todos, e que seu trabalho, cooperando para o conforto coletivo, redundam em benefício seu e não de seus exploradores, habitua-se fatalmente a ações altruístas, não tem ocasiões propícias a excitações egoístas e assim, naturalmente, pela força mesma das circunstâncias, se moraliza, se educa para a bondade. Portanto, para os pedagogos, o ideal seria apressar o advento da anarquia por ser este o processo mais rápido e seguro de educar-se moralmente o homem.

Continue

AÇÃO ANÁRQUICA

POLÍTICA & POLÍTICOS

Não existia política nos primórdios da sociedade humana. Os homens eram livres e viviam em completa harmonia. Não havia propriedades, todos trabalhavam e os bens eram comuns. Dessarte reinava felicidade entre as gentes. O ego era desenvolvido no sentido de aperfeiçoar o *altruismo*, visando à felicidade coletiva. Depois, indivíduos pervertidos passaram a cultivar o *egoísmo*, tendo em mira o bem estar individual. E assim, o amor próprio substituiu o amor ao próximo, despertando o sentimento de poderio e grandeza. Os mais espertos começaram a dominar os incautos, usando de meios indignos. Daí nasceu o despotismo absoluto representado por um homem ou por uma classe que se dizia representante da Divindade. Só a civilização chinesa, com Confúcio e Mêncio, introduziu os deveres do governo. Na Grécia, Platão idealizou um sistema mais avançado em *A República*; Aristóteles expôs os direitos dos homens livres, sem separar porém a política da moral. Traz de Aquino e outros a ideia da idade média, que o poder civil dimanava de Deus, colocando a teologia em plano superior à política. Maquiavel foi o primeiro estudioso que considerou a política em si, independentemente da religião e da moral.

A evolução processou-se, por etapas, mas, somente em 1848, os democratas franceses estabeleceram a igualdade política pelo sufrágio universal. Foi um grande passo para aquela época.

A política burguesa, todavia, astuciosa como sempre, fez do voto um instrumento para salvaguardar os interesses da sua casta. Aproveita-se de sua situação para iludir o povo com promessas falazes sem nunca responder aos seus anseios.

O cidadão tem *direito* de votar, mas não escolhe o seu candidato; espera que o chefe político o aponte. E, desse modo, os políticos pertencem sempre à classe dos favorecidos porque sómente ela tem recursos para organizar partidos e gastar milhões em propaganda.

Os políticos prometem mundos e fundos enquanto pretendem conquistar eleitores. Fantasiam-se de homens do povo, revelam-se amáveis, solícitos e honestos. Depois de eleitos se esquecem de que são representantes do povo. Ao invés de advogar-lhes os direitos cuidam de colocar os paren-

tes e apaniguados em posições-chaves. E assim o país passa a ser governado por meia dúzia de nomes de família.

A política é um jôgo onde o povo perde sempre na esperança de ganhar a próxima parada. O eleitor descontente com um governante, elege um substituto seu acreditando que esse vai melhorar a situação social. Após a eleição, fica decepcionado ao verificar que o estado de coisas não se modifica. Um governante apenas reproduz os atos do antecessor. Mesmo os bem intencionados fracassam. E' o que acontece aos socialistas. Coitados! Lutam contra uma maioria esmagadora nas assembléias que nunca aprova os seus projetos.

A mentalidade humana evoluiu. O homem do meado do século XX levanta o véu do obscurantismo e perde a fé na política e nos políticos. Ninguém mais ignora que a política é uma mentira como outra qualquer, uma comédia.

O mal não é somente dos homens, senão do regime social. Não pôde haver bom governante em uma organização adrede preparada para proteger a exploração por uma minoria parasitária. O sistema atual é elaborado com o fim exclusivo de proteger os direitos dos privilegiados e impor obrigações aos desprotegidos. Por isso os anarquistas conscientes não apresentam candidatos a representações estatais nem votam em ninguém.

A repulsa ao sufrágio universal progride na razão direta dos descréditos políticos.

O decréscimo da percentagem eleitoral preocupa os burgueses, que procuram reprimir esse fenômeno tornando o voto obrigatório. Mesmo assim, o número de abstencionistas e o de votos em branco cresce de eleição para eleição. E dessa maneira o abstencionismo aumentará até que seja total, dando lugar ao anarquismo que emancipará a sociedade da política e dos políticos profissionais.

RAUL VITAL

(da *Juventude Libertária*)

Administração

Pede-se insistentemente aos contribuintes de *Ação Direta* que não atrasem a remessa das suas contribuições. Qualquer atraso prejudica seriamente a marcha do semanário.

NOTÍCIAS ANÁRQUICAS

1. Fascismo em Portugal.

De uma carta recebida agora, enviada por um camarada português, extraímos o seguinte: «Já é por demais conhecida pelas camaradas a situação que Portugal atravessa, vivendo nós todos, homens de pensamento livre, esmagados sob o peso da brutalidade fascista. Recentemente acabou de sair das prisões fascistas, onde me fizeram permanecer durante 12 anos e meio, incluindo 9 anos no *campo de morte lenta* do Tarrafal, invenção maquiavélica do pensamento fascista para maior tortura moral e física das suas vítimas que para ali são enviadas. Ali continuam sofrendo ainda 54 tabalhadores, cujo único crime é pugnarem por uma humanidade melhor. Apesar de reagirmos, a propaganda das nossas idéias torna-se algo difícil em Portugal dada a repressão que sobre nós impera e a imprensa se encontra amordaçada».

2. **Uma publicação anarquista em Portugal.** Recebemos C. G. T., mimeografado, órgão regional, número de julho, integrado na Confederação Geral do Trabalho. Na segunda página, há

uma *Crônica Nacional* que nos cumpre transcrever:

«Há mais de um ano que terminou a guerra com a *vitória simbólica da democracia*; todavia, o fascismo ainda impera, como em Portugal e Espanha, e noutros países mais dissimuladamente, com a complacência das *potências democráticas*. Salazar e sua camarilha perceberam que havia na Europa *um novo clima político* e ele próprio teria de disfarçar o campo de concentração onde aprisionou o povo português em *democracia*. Falou de eleições com oposição; mas, quando o mar revolto das aspirações de liberdade se encapelou, procedeu de dois modos: internamente aplicou os seus velhos métodos de repressão; externamente concedeu às *potências democráticas* todos os favores de explorarem, mais ainda a miséria do povo oprimido. Negociou acordos monetários com a Inglaterra, submetendo a economia nacional aos interesses do capitalismo britânico; encostou-se à plutocracia de Truman, com todas as blandícias e, já antes, quando o instinto de corvo o avisou da derrota do seu cúmplice na sangreira da

Espanha, cedeu as bases dos Açores como «ato generoso da sua neutralidade colaborante». A Grã-Bretanha continua a condicionar o comércio português com o exterior e as colônias, com o sistema dos *navicerts* estabelecidos durante a guerra; concedeu-lhe o monopólio da produção das conservas portuguesas e, «mais com o coração do que por negócio», deixou congelar os créditos nacionais, provenientes dos fornecimentos feitos durante a guerra. Alguns jornais falaram no assunto, protestando; mas, o governo e os órgãos oficiais do fascismo calaram-se muito sintomaticamente. A hipoteca da economia portuguesa está feita e, a troco da nossa maior miséria, Salazar pretende comprar, em Londres e Washington, a complacência. A plutocracia que Salazar protege não interessa tal sacrifício, porque o povo está bem amordaçado e oprimido e terá de pagar tudo com o condicionamento dos salários e carregando-o com impostos. É preciso mais para o povo erguer

aqui e aí, lutar e, enquanto as armas assassinas do fascismo reprimirem com sangue e miséria, o país apenas geme. Não será assim que poremos termo a esta angústia, nem pelos exemplos poderemos confiar que a camarilha de B. Muniz deixe o país emitir a sua opinião».

3. De uma carta procedente de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, trasladamos os seguintes trechos: «*Ação Direta*, falando sem subterfúgios e com sinceridade, captou a simpatia aqui de todos quantos a têm lido pela sua boa coordenação e seu material ideológico. *Ação Direta* vai ser introduzida entre os estudantes, nos quais há elementos jovens de valor, que, para o futuro, poderão substituir os velhos militantes, pois já me pus em contacto com o presidente de uma associação estudantil, camarada promissor, que já se comprometeu comigo a fazer chegar aos jovens associados o nosso jornal. Esse camarada a que fui apresentado por um médico que contribui para *Ação Direta*, me disse que não pensava que existissem idéias tão sublimes, pois ele tinha, da Anarquia, um conceito bastante errôneo, verificando agora que é o contrário. Por aí pode

(Continua na pag. 4)

BARBAS... DE MÔLHO

O vigário da Tapera
— Gordo, nédio e rubicundo —
Foi-se um dia deste mundo
Berrando como uma fera.

E acudindo aos berros seus
— Dêle que em Deus tanto cria —
Outro pároco dizia:
«Morre na graça de Deus!»

Mas... qual! — Depois do traspasse
E' que o cura mais padece:
Não houve Deus... que o salvasse,
Nem Demônio... que o quisesse.

HORÁCIO CAMPOS

AÇÃO DIRETA EM PARIS

O semanário anarquista *Le Libertaire* em seu número de 28 de junho, refere-se longamente ao nosso pequeno hebdomadário com expressões de júbilo que muito nos comove, prometendo em outro número que ainda não nos chegou, voltar ao assunto. Termina assim:

«*Saudamos com emoção nossos camaradas brasileiros que infatigáveis mau grado tantas dificuldades, levam a todos os domínios, seu entusiasmo e tratam de realizar nosso ideal.*»

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu *AÇÃO DIRETA*? Comprou a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de *AÇÃO DIRETA*, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de *AÇÃO DIRETA*, escreva-nos para *Rua Buenos Aires, 147, A - 2º andar - Rio*, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

ESTAMOS CONTENTES!

Sim! **Tierra y Libertad**, em seu número de 25 de junho, fala duas vezes dos anarquistas brasileiros salientando nosso esforço em favor dos combatentes de Espanha.

Diz assim na página 3, sob a epígrafe **Como se portam os companheiros do Brasil**.

Faz dois anos, nossos companheiros se viam submetidos à inação, graças ao rigor com que o tirano Vargas tratara o nosso movimento. É inútil discutir a infâmia daquela repressão que cercava pela raiz todo intento de coesão ou de luta por parte de nossos afins. Hoje, tendo os companheiros sabido aproveitar o lapso de tempo entre a queda do tirano e a ascensão do seu sucessor, o movimento anarquista do Brasil é um dos mais louços e vigorosos deste Continente. Graças à tenacidade, responsabilidade e coerência na luta é atualmente uma força com que se há de contar para qualquer ato que se pretenda realizar na marcha ascendente para a liberdade.

Nós que, em todos os momentos, sentimos as emoções dos avatares deste combate incessante contra o capitalismo e o Estado, sentimos-nos orgulhosos quando contem com a ajuda de vocês, alguns de nós, em nossos primeiros pas-

Da Espanha que luta pela liberdade

(Continuação da 1ª pag.)

dência. Basta saber os camaradas de dentro e de fora da Espanha que a **C. N. T.** e o **Movimento Libertário** existem e lutam com o mesmo vigor de sempre, aguardando o dia da libertação final.

Solidaridad Obrera de Barcelona
Maio de 1946

Solução pela Ação Direta de uma greve em Barcelona — Na grande Fábrica Trinchet S/A, dedicada à fabricação de linhas e tecidos e na qual trabalham mais de 1.500 operários foi declarada, no dia 27 de março, uma greve como protesto contra o regime de fome e para reclamar aumento de salários.

Foi tão enérgica a ação dos trabalhadores e tão profundo o espírito de solidariedade que os proprietários da fábrica, srs. Munoz e Tronchet, foram obrigados a negociar diretamente com os mesmos, representados pela sua comissão de greve.

Após longos debates, foi concedido um aumento de 30% nos salários, gratificação mensal de 150 pesetas e aumento na ração de viveres para os trabalhadores.

Solidaridad Obrera de Barcelona
Maio de 1946

Eis como lutam os camaradas da Espanha... Prestemos a esses bravos o nosso concurso generoso que eles, com o seu sacrifício, defendem também a nossa própria liberdade.

Solidariedade aos lutadores da Resistência Espanhola...

... para a luz — como Manuel Pérez, Oiticica, Catalo, Giacomini, Sánchez Gala, Das Neves e outra plêiade de lutadores que mantêm erecto o valor ético de nossos ideais.

E seu labôr não pára em firmar e valorizar nosso movimento ali, sua tenacidade, sua capacidade conseguiu que o povo brasileiro conheça toda a tragédia do povo espanhol. No periódico de mais circulação e influência do Rio de Janeiro, **A Folha Carioca**, vemos publicadas as crônicas, artigos e entrevistas do velho Manuel Péres.

Salve! anarquistas do Brasil! **A Terra move-se**. E o Anarquismo avança!

Na mesma página, últimas colunas, sob o título **O anarquismo não morreu** diz:

«Os transfugas e inimigos do anarquismo, por mais que se esforcem não poderão enterrá-lo. Se as diferentes atividades que se desenvolvem internacionalmente não fossem suficientes para demonstrar sua vitalidade, bastaria o fato que vamos citar. Os companheiros do Brasil, apesar da longa distância que os separa dos que em Espanha lutam contra o regime ter-

rorista do franquismo, abriram uma subscrição para ajudá-los e, não há muito, nos enviaram **duzentos dólares** que fizemos chegar até os abnegados lutadores. Queremos hoje assinalar a remessa que acabamos de receber dos companheiros de S. Paulo, de **cento e oitenta dólares e sessenta centavos**. Ações dessa natureza demonstram, por si sós, que o anarquismo vive. Que o exemplo prolifere e façamos ouvir, por toda parte, nossa voz humana e solidária

Na quarta página, finalmente, anuncia terem recebido os companheiros do México notícias de Espanha acusando o recebimento dos primeiros 200 dólares (aliás 250, ou cinco mil cruzeiros).

Nota — Em janeiro, iniciamos uma campanha dos **mil dólares**: entre os companheiros do Rio e de São Paulo para os combatentes de Espanha.

Foram enviados, em abril, 250 dólares do Rio e 180 de São Paulo, isto é, 8.600 cruzeiros.

A segunda remessa de 250 dólares não pôde ainda ser feita, porque a manutenção deste periódico exige de todos nós a excessiva despesa mensal de seis mil cruzeiros (300 dólares americanos)

Pouco sobra aos camaradas para compra de livros e novos envios aos camaradas de Espanha.

Primeiro viver

(Continuação da pag. 1)

des, dos grandes centros industriais, têm motivos para se julgarem mais adiantados no terreno das idéias, porque outras condições de vida lhes permitem progredir e instruir-se, não se julguem por isso superiores nem menosprezem os seus irmãos incultos das grandes regiões agrárias.

Primeiro viver, depois filosofar. O pão alimenta sempre os que constroem as cidades, mas nem sempre as cidades retribuem com seus confortos os que produzem o pão. Esta é uma dívida do trabalhador industrial, que precisa ser considerada todas as vezes que se trata da situação das classes proletárias perante a economia capitalista. É necessário que não o esqueçamos nunca.

Em qualquer parte se poderá tentar, pela associação livre dos indivíduos, pela cooperação do trabalho independente, pela organização espontânea dos produtores, uma comunidade na qual se ponham em prática os puros princípios libertários, a acracia, o regime de troca, a abolição da exploração individual; mas, o êxito integral tem de basear-se primeiro na garantia da subsistência e esta, por mais que a indústria forneça maravilhas de inventos, por mais que a química aperfeiçoe seus recursos, só está segura quando da terra nos vêm os alimentos essenciais, seja na forma rudimentar de frutas e raízes, seja através da transformação requintada em produtos finos de calorías concentradas.

A experiência anárquica de uma comunidade agrícola é sempre a que tem maiores possibilidades de vingar. Fruto de iniciativas locais, como «A Nossa Chácara», origina-se numa transigência com o capitalismo, pela compra da terra em que tem de erguer as suas habitações e lavar as suas hortas; resultado de um amplo movimento de transformação política, como a «Comunidade de Ballobar», é mais radical em seus fundamentos e vale-se da apropriação de grandes áreas dos senhores rurais, classe que se extingue para dar lugar à livre administração das populações do campo. De qualquer modo, ainda que uma comuna rural fique muito tempo privada dos requintes do progresso e do conforto que as cidades podem oferecer, à custa do sacrifício de gerações de camponeses, tem garantida a sua existência porque tem o pão, o alimento do corpo, que permite viver, primeiro, para depois pensar, criar, restaurar em torno de nós o mundo espiritual dos nossos ideais.

AVISO

Pedimos aos colaboradores que, dada a pequenez de **Ação Direta**, reduzam seus artigos o mais possível. Temos em nossa mesa várias colaborações que, por demasiado extensas, não podem ser publicadas, embora excelentes.

Todavia, temos já reunidos uns 50 dólares para esse fim. Apelamos daqui para os companheiros que já, com correram com **um dólar**, que repitam a dádiva agora. Vamos preparar novas listas a ver se, este mês, remeteremos outros 200 dólares.

Solidariedade! companheiros!

A GRANDE ILUSÃO

Terminou, há mais de um ano, a guerra. A guerra é um desses ataques periódicos contra o homem, a repetição de todas as injustiças do passado.

A Europa, o berço da civilização, transformou-se num cemitério. Os próprios canibais estremeriam de horror se pudessem ver as barbaridades cometidas por seus irmãos **civilizados**, todas elas cometidas em nome de Deus e da Pátria!

Mas, onde estava esse Deus em que todas essas Pátrias cristãs, durante seus assassinios e destruições, se apoiavam? Onde ficou ele, o Todo-Poderoso em cujo nome todas essas monstruosidades ocorreram? Esteve por acaso, com os que possuíam melhor armamento? Então abandonou seus devotos vencidos como abandonou seu filho na cruz!

Os representantes das nações unidas, cozeiros da morte, reuniram-se à mesa redonda, armados até os dentes, para jogar com dados falsos, para repartir o roubo e escravizar o mundo.

Nós nos amamos! dizem elas, e se precisamos de armas, muitas armas novas, é para que possamos amar-nos ainda mais!

Paz! dizem eles e experimentam a bomba atômica melhorada e o foguete a jacto e o último tipo de bombardeiro.

A paz como fim e bomba atômica, instrumento da paz.

A paz é a grande prova dos caracteres; mas, eles, cantam o ódio e a santa escaravidão. Rearmamento! eis a sua senha!

Dá náusea ouvir os discursos demagógicos sobre a paz eterna, na boca de homens que representam as chamadas democracias e o fascismo vermelho, prostituição do socialismo. Em seus países, esses pacificadores, prosseguem na campanha armamentista! Fariseus!

NOTA — O artigo ERAM BONS RAPAZES, do número passado, infelizmente, saiu sem nome do autor. É do nosso querido companheiro P. Ferreira da Silva.

Notícias anárquicas

(Continuação da 3ª pag.)

o camarada observar a obra fecunda que está chamado a desempenhar o nosso jornalzinho... Minha viagem ao interior do Estado não se prende tanto à organização sindical como à formação de grupos anarquistas, pois serão essas organizações as que darão vida ao movimento sindical revolucionário quando as circunstâncias o permitirem. Não quer isso dizer, camarada, que sejamos individualistas. Os que formamos a agrupação **Os Ácratas** somos anarco-sindicalistas, mas entendemos que a casa há de começar pelos alicerces e não pelo telhado. Esta nossa agrupação vai fazer a tentativa de agrupar a **Federação Anarquista do Rio Grande do Sul**, reagrupando todos os anarquistas esparsos pelo Estado em um organismo afim, que intensifique a propagação libertária sem mistificação de nenhuma espécie ante os olhos do povo trabalhador. Isso foi acordado na última reunião que tivemos, onde se fez leitura da última carta que me enviaste.»

De todas as partes do mundo; ouvem-se, em todas as línguas, os gritos: «Socorro! Auxílio! Morremos de fome!»

Os culpados dessa lamúria festejam com champanhe as façanhas dos filhos e a vitória; o povo forma filas, e os trabalhadores, os heróis de tantas pelepas, entram em greve para não morrer de fome. Nunca, no curso da história, foi o proletariado tão miseravelmente iludido. E perguntaremos: «A quem interessa a vitória? Ela pôde ser orgulho do marechalíssimo, do presidente e dos ministros; mas, de que serve aos mortos, às viúvas, aos orfãos?»

Não pôde interessar ao povo que a pagou e continua a pagá-la com sangue, suor e lágrimas». Sim! foi unicamente o povo que suportou e pagou esta sangria criminosa para enriquecer seus opressores e conservar os privilégios deles. A guerra é sempre crime e esta paz também é crime. Não precisaríamos de festejar esta paz triste se os aliados houvessem evitado a guerra. Mas o rearmamento da Alemanha era para eles lucrativo negócio e a guerra outro, ainda maior, e baratíssimo é o sangue do povo.

Na realidade, o capitalismo internacional não sabe distinguir entre o que é humano e o que é bestial. Vive de sangue e sempre faminto.

Esta paz é um estado de tensão entre os vencedores e ninguém sabe que fazer para conjurar nova explosão. Só é possível a salvação da humanidade, não havendo participação na violência, isto é, com a resistência passiva à guerra e aos empresários de guerras. A razão humana proíbe que forneçamos aos assassinos os meios para eles existirem para nova matança. preocupemos com a luta há de ser contra o imperialismo e sua imagem, o militarismo. Esses são os germens da verdadeira enfermidade que ameaça destruir a civilização. Esse é o nosso dever sagrado. Não devemos ser cúmplices dumta causa perversa que solapa o futuro da humanidade.

Se é certo que a democracia política e a ditadura vermelha só se podem estabelecer em cima de 60 milhões de cadáveres, então cumpre que nos separemos de ambas.

É evidente que não sabem o que é liberdade, pois estão escravizando a consciência e sacrificando a liberdade em nome dessa mesma liberdade.

Onde vinga o domínio, onde se esquece o humanitarismo e a humanidade, não pode haver lugar para uma paz absoluta.

Paz! Como se pode erigir paz e harmonia a tiros de morteiros e em campos de concentração?

Paz! alardeia a América, depois de haver fornecido material de guerra ao Japão, material que dizimou hecatombes de chineses. Paz! mas deixaram Franco, Hitler e Mussolini trucidar e escravizar o povo democrático de Espanha!

Paz! berrava Churchill, enquanto o exército inglês esmagava o povo da Grécia.

Paz! Paz! Paz!

A paz deles é paz do cemitério, sempre altíssimo negócio para eles e decepção para o povo.

Trapaceiros! Hoje obrigam o povo a gritar: «Viva a Itália!» e amanhã: «Abaixo a Itália!»

Releva arrancar a máscara.

Pobre soldado desconhecido cujos intestinos os urubus estrçalham nas garras. Você e todos os outros, seus parceiros, foram iludidos, enganados, escarnecidos!

Vocês foram as vítimas da guerra e nós, nós, somos as vítimas da paz.

GÉRMINAL